

ESCALA DE ADESÃO DOS IDEAIS DO MOVIMENTO DA NOVA ERA: APLICAÇÃO EM NATURÓLOGOS BRASILEIROS

Fábio L. Stern¹

Resumo: Após a mercantilização dos bens religiosos novaeristas na década de 1980, o rótulo Nova Era adquiriu conotações negativas entre determinados grupos. Como tal, algumas pessoas passaram a não querer mais ser associadas ao termo Nova Era – mesmo quando elas próprias se mantêm como simpatizantes de produtos ou ideias de contextos novaeristas. Assim, tornou-se insuficiente ao cientista da religião perguntar aos entrevistados diretamente se eles se consideram adeptos do movimento da Nova Era. Outras abordagens se faziam necessárias. Foi visando superar esse desafio que a escala de adesão dos ideais do movimento da Nova Era foi desenvolvida para minha dissertação de mestrado. O objetivo dessa escala é verificar o grau de afinidade às principais tendências do movimento da Nova Era independentemente do respondente se considerar um adepto do movimento ou não. Esse instrumento consiste em uma escala Likert com 25 itens elaborados de acordo com as maiores tendências novaeristas ressaltadas por Hanegraaff em sua tese de doutoramento: (1) canalização, (2) cura e crescimento pessoal, (3) ciência da Nova Era, e (4) neopaganismo. Esse instrumento foi aplicado em um grupo de 411 naturólogos, dos quais 292 questionários foram considerados válidos para a análise. Dos questionários válidos, 51,7% dos respondentes se consideravam abertamente novaeristas. A comparação das respostas desses com as do grupo dos que não se declaravam novaeristas demonstrou, em 21 dos 25 itens da escala, um grau de adesão maior entre aqueles que se identificavam abertamente como novaeristas. Esses dados foram confirmados através do *valor-p* do teste exato de Fisher, que apontava um grau de confiança superior a 95% nessas respostas.

Palavras-chaves: Nova Era. Escala de espiritualidade. Escala de religiosidade. Pesquisa quantitativa em Ciência da Religião.

255

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado, nos Estados Unidos e oeste da Europa, por vários movimentos antitotalitaristas que emergiram após a Segunda Guerra Mundial. Desses, destaca-se a contracultura de 1960, que promoveu uma série de questionamentos ao consumismo exacerbado do chamado “sonho americano”, à ameaça nuclear que pairava devido à Guerra Fria, às invasões militares norte-americanas ao Vietnã, às normas sexuais e papéis de gênero vigentes, às relações étnicas que promoviam segregação racial, e às figuras tradicionais de autoridade da sociedade ocidental.

Uma ramificação desse movimento, coadunada à subcultura *hippie*, foi a chamada Nova Era, movimento que questionava a autoridade das religiões tradicionais institucionalizadas, buscando filosofias e práticas em religiões indígenas e orientais para transcender as supostas limitações promovidas pelas igrejas dominantes através do cultivo ao *self* e da expansão da consciência. Conforme Hanegraaff (2005) explica,...

¹ Mestrando em Ciências da Religião (PUC-SP).

Esse movimento foi caracterizado por uma metafísica amplamente ocultista (com predominância especial das formas de Teosofia fundadas por Alice Bailey e, em alguma extensão, Rudolf Steiner), uma ênfase relativamente forte nos valores comunitários e em uma moralidade tradicional enfatizando o amor altruísta e o serviço à humanidade, e uma ênfase milenarista muito forte focada na expectativa pela Nova Era (p. 6496, tradução minha).

Após 1975, uma grande popularização dos ideais novaeristas ocorreu no Reino Unido e principalmente nos Estados Unidos, em parte graças ao interesse da mídia em cobrir suas práticas, tidas pelos jornalistas como curiosas e excêntricas (HANEGRRAAFF, 1998). Assim,

[...] pessoas que participavam de várias atividades “alternativas” começaram a se considerar parte de uma comunidade internacional invisível de indivíduos com pensamentos semelhantes, os esforços coletivos daqueles destinados a transformar o mundo em um lugar melhor e mais espiritual (HANEGRRAAFF, 2005, p. 6494, tradução minha).

Como todo coletivo social, esse crescimento da Nova Era dependeu de um ambiente social que contivesse os elementos corretos, profícuos ao seu florescimento. Esse ambiente foi explicado por Campbell (2002) como sendo o *cultic milieu*, um terreno fértil habitado por uma sociedade de *seekers* (buscadores), que apesar da grande diversidade de seus indivíduos, compartilha um princípio básico de tolerância e ecletismo, opondo-se à cultura social dominante abraçando uma variedade de abordagens de vida heteróclitas. Dessa forma, o que se pode chamar de movimento da Nova Era, em sentido amplo, seria o próprio *cultic milieu* se tornando consciente de si mesmo (HANEGRRAAFF, 1998).

Contudo, conforme esse *cultic milieu* se propagou, os grupos da Nova Era foram perdendo sua militância esquerdista e seu milenarismo originais. O crescimento da sociedade de *seekers* gerou um novo nicho de mercado, e os bens religiosos novaeristas foram transformados paulatinamente em bens de consumo (HEELAS, 1994; HANEGRRAAFF, 1998; 2005). Como reflexo, os novos simpatizantes passaram a chegar até as espiritualidades da Nova Era não mais através de intermediários contraculturais, mas sim por agentes culturais mediados por relações comerciais – como o marketing, a propaganda, as relações públicas, programas de rádio e televisão, jornalistas, escritores e profissionais ou terapeutas de serviços novaeristas (HEELAS, 1994).

Isso levou a uma transformação no perfil do movimento da Nova Era, com os adeptos tradicionais cedendo espaço aos *novaeristas de meio período*, consumidores religiosos que desfrutam do que lhes é ofertado sem necessariamente se sentirem compelidos a um comprometimento maior com os grupos que oferecem esses serviços (CAMPBELL, 2002). Poucos são *seekers* no espírito da década de 1970. Ainda menos estão engajados em qualquer caminho espiritual. Os *novaeristas de meio período* são simplesmente pessoas que sequer precisam se

preocupar se *acreditam* ou não nas experiências que estão comprando. “É a ‘vivência’ o que importa, não a ‘crença’, essa última associada ao intelecto, e portanto ao nível falso, ‘egóico’ da vida” (HEELAS, 1994, p. 98, tradução minha).

Essa mudança fez com que alguns estudiosos da religião considerassem que o movimento da Nova Era estaria morrendo (ou já está morto). Discussões sobre seu futuro foram feitas na última década tanto por Hanegraaff (2005) quanto por Heelas (2008). Mas ao invés de apontar ao fim da Nova Era, esses autores declararam que os bens religiosos novaeristas, uma vez assimilados pela cultura capitalista, encontram-se hoje diluídos nas grandes massas¹. Não obstante, sua crescente comercialização fez com que o rótulo “Nova Era” adquirisse conotações negativas, e muitas pessoas não queiram mais ser associadas a ele (HANEGRRAFF, 1998). Com isso, ao se pensar hoje em pesquisas de grupos relacionados à Nova Era, o cientista da religião...

[...] não pode mais perguntar simplesmente aos entrevistados de modo direto se eles se consideram adeptos da Nova Era. Ao invés disso, deve-se recorrer a questões mais indiretas – como sobre a aceitação da crença em reencarnação, consciência planetária, métodos de cura holística etc. – para se determinar se os respondentes pertencem ao movimento (LEWIS, 1992, p. 2, tradução minha).

A elaboração de nossa escala partiu desse pressuposto. Objetivamos desenvolver um instrumento que pudesse quantificar a afinidade às principais tendências novaeristas, independentemente do respondente se considerar ou não um adepto do movimento da Nova Era. O presente estudo pretendeu apresentar esse instrumento.

257

AS ESCALAS DE ESPIRITUALIDADE

Em uma sociedade laica, onde as múltiplas pertenças e os sincretismos se tornam cada vez mais comuns, conseguir dados confiáveis sobre a pertença religiosa de uma população se torna uma tarefa complexa. Seriam os católicos não praticantes tão católicos quanto aqueles que vão todo domingo à missa? Como classificar os sujeitos que possuem uma espiritualidade, mas dizem não possuir religião? Seriam esses iguais aos ateus? Devemos considerar espíritas tanto kardecistas quanto ramatisistas? E aqueles que se consideram espíritas umbandistas? Não seriam religiosos os budistas que dizem que o que seguem não é uma religião, mas sim uma filosofia de vida? E como tratar o movimento da Nova Era, que segundo Lewis (1992) e Hanegraaff (1998) possui sujeitos que se identificam com seus valores, mas rejeitam o rótulo de novaerista? Até que ponto se pode assegurar que a denominação religiosa declarada pelo entrevistado reflete, de fato, sua prática religiosa?

Quantificar religião é um grande desafio. Sua natureza metaempírica faz parecer improvável esse tipo de abordagem. Não por acaso, as pesquisas quantitativas são escassas quando comparadas em números a outras abordagens na Ciência da Religião, e não raramente seus dados possuem baixa confiabilidade. De acordo com Iannaccone (1998),

Os governos coletam poucas estatísticas e financiam poucas pesquisas de religião; a maioria das organizações religiosas mantém registros financeiros desleixados e listas de membros excessivamente inclusivas; e muitos aspectos da religião são inerentemente difíceis de observar (p. 1467, tradução minha).

E mesmo no caso do censo brasileiro, a pesquisa quantitativa mais conhecida de nosso país sobre perfil religioso, os números são constantemente problematizados por sua aproximação direta e restritiva². Foi visando suplantar esse problema que as escalas de espiritualidade e religiosidade foram desenvolvidas.

Escalas de espiritualidade são ferramentas criadas dentro do contexto da Psicologia da Religião. Visando transpor as respostas binárias sim/não em um grau de afinidade, percepção ou intenção a determinado aspecto do objeto religioso, as escalas de espiritualidade são um tipo de instrumento que recorre a técnicas de psicomетria para a quantificação dos dados. Todavia, devido a sua proposta de traduzir para números aspectos subjetivos da experiência religiosa, esses instrumentais transcenderam seu domínio psicológico primordial, e hoje se notam pesquisas nos diversos campos da Ciência da Religião onde podem ser aplicados.

Citando alguns exemplos, na década de 1970, uma série desses instrumentos foi compilada por Hill e Hood Junior no livro *Measures of religiosity*. Esse trabalho, um dos pioneiros na área, contém diversas escalas de aferição, que vão desde escalas sobre diferentes noções de Deus e sobre visões variadas de vida após a morte até escalas para quantificar níveis de fanatismo religioso e intensidade de experiência religiosa (HILL; HOOD JR., 1975).

Outro instrumento tradicional de mensuração de religiosidade é a Escala de Bem-Estar Espiritual (*Spiritual Well-Being Scale*), desenvolvida pelos psicólogos Patoutzian e Ellison (1982). A Escala de Bem-Estar Espiritual acabou se tornando um referencial aos pesquisadores que desejavam criar seus próprios instrumentos, em especial em objetos que são limítrofes às definições mais restritivas do que é religião.

Um último instrumento, também bastante popular, é a Escala de Crença Pós-Crítica (*Post-Critical Belief Scale*), elaborada por Hutsebaut (1996) para avaliar formas distintas de cristianismo. Esse instrumento vem recebendo muitas adaptações em inúmeras línguas e países, e é possível se encontrar várias pesquisas que discutem sua pertinência e validade.

Evidentemente que outras escalas poderiam ser citadas. No entanto, o que importou à elaboração de nosso instrumento foi o que todas elas têm em comum: a metodologia de

psicometria de Rensis Likert. As escalas do tipo Likert consistem em um número de afirmações (chamadas de *itens Likert*), às quais o respondente deve avaliar seu grau de concordância ou discordância marcando números (chamados de *graus Likert*), cujo menor número sempre corresponde ao extremo de discordância e o maior ao extremo de concordância com o item apresentado (LIKERT, 1932).

Originalmente Likert (1932) recomendou o uso de cinco graus nas escalas ao apresentar seu método. Entretanto, de acordo com Garland (1991), um número par de níveis Likert é mais recomendado nesse tipo de instrumento para que não haja o ponto intermediário neutro ao respondente, o qual prejudica a confiabilidade dos dados coletados por aumentar os vieses nas respostas.

A ESCALA DE ADESÃO DOS IDEAIS DA NOVA ERA

Nossa escala foi elaborada com 25 itens Likert, separados em quatro grupos de acordo com as maiores tendências novaeristas identificadas por Hanegraaff em sua tese de doutoramento sobre a Nova Era (HANEGRRAAFF, 1998): (1) canalização, (2) cura e crescimento pessoal, (3) ciência da Nova Era, e (4) neopaganismo.

A noção de canalização é, talvez, uma das mais importantes e centrais ao movimento da Nova Era. Conforme Hanegraaff (1998) afirma, as principais obras que deram a tônica às linhas de pensamento dominantes entre os novaeristas foram canalizadas por seus autores. Na fase milenarista, a espera pela Era de Aquário, que traria uma expansão da consciência global culminando da evolução planetária, semeou o terreno simbólico para o surgimento de concepções de inteligências superiores que habitariam dimensões alternativas à nossa (HANEGRRAAFF, 2005; 1998). Sendo assim, a canalização seria o ato de se conectar mediunicamente com esses outros planos de existência, agindo como um canal que recebe essas informações.

A cura e o crescimento pessoal são o que Hanegraaff (1998), Amaral (2000) e D'Andrea (2000) consideram como o mais próximo da noção de salvação religiosa dentro do universo novaerista. A psicologização dos processos de cura, atribuindo-lhes uma causa primordialmente (em alguns casos, unicamente) mental, leva os novaeristas a compreenderem que a ideia de saúde está intrinsecamente ligada ao autoconhecimento e à expansão da consciência. A busca pela saúde é uma busca por si próprio, e quanto mais desconectado se está do eu interior (*self*), mais propenso o indivíduo fica ao surgimento das doenças.

A ciência da Nova Era diz respeito a reinterpretções filosóficas de descobertas da física quântica e da física relativista aplicadas ao cotidiano, o que Hanegraaff (1999) chama de

mitologias populares de ciência. A suposta quebra de paradigmas pelo modelo quântico, a relatividade do tempo-espaço e a figura da partícula que é ao mesmo tempo matéria e energia dão a tônica das discussões que clamam por um novo modelo científico que dialogue com o espiritual, dizendo pouco respeito aos complexos cálculos com os quais, de fato, os físicos estão habituados a lidar em nível quântico (HANEGRAAFF, 1998; 1999).

Por fim, o neopaganismo é considerado por Hanegraaff (1998) uma área limítrofe ao movimento da Nova Era, por orbitar ao redor da wicca. Como a definição de Nova Era apresentada pelo autor prevê a não institucionalização e a descentralização das expressões religiosas, a partir do momento que a maior parte do neopaganismo gira em torno de uma denominação religiosa específica, o campo perde o recorte proposto pelo autor. Contudo, visto que nem todo neopagão é wicciano, Hanegraaff acabou considerando que alguns valores típicos ao neopaganismo deveriam ser incluídos no grupo das principais tendências novaeristas: a sacralização da sexualidade, a deificação do mundo material, e a crença em magia não como reflexo da falta de ciência, mas justamente como uma oposição consciente ao cientificismo exacerbado da sociedade.

As afirmações que compuseram os itens de cada grupo são, em sua maioria, frases retiradas *ipsis litteris* do trabalho de doutoramento de Hanegraaff (1998). Aquelas que sofreram alguma modificação, foram simplificadas por demandas do pré-teste, para facilitar o entendimento dos respondentes.

A seguir, segue a lista das frases separadas entre os quatro grupos:

Categoria 1. Canalização

1. Há dimensões diferentes habitadas por seres com sabedoria superior.
2. Todos os seres humanos podem receber informações de formas de inteligência superior, oriundas de níveis de existência mais elevados que o plano material em que vivemos.
3. A conexão com outros planos é uma habilidade natural que está latente em todos, podendo ser despertada por qualquer ser humano.
4. É possível se aprender conscientemente a canalizar mensagens de outros planos, mesmo que nunca se tenha tido qualquer experiência anterior similar.
5. O *insight* é o caminho pelo qual a revelação divina se manifesta a nós.
6. As revelações das religiões históricas – como Maomé ou os profetas do Antigo Testamento – são mediunidades, fenômeno idêntico ao que acontece hoje em sujeitos que se estabelecem como canais de comunicação para esses domínios.

Categoria 2. Cura e crescimento pessoal

1. Cada ser humano é uma relação interdependente de corpo, mente, emoções e espírito.

2. A medicina contemporânea perdeu a “arte de curar” ao se focar na patologia, esquecendo-se do sujeito completo.
3. A doença não é um simples fato biofísico. Toda doença possui um significado moldado na experiência do enfermo que vai além dos sintomas imediatos.
4. Não é possível se fazer distinções rígidas entre doenças físicas e doenças psíquicas.
5. Desenvolver os potenciais humanos nos permite entrar em contato com o lado divino que existe dentro de nós.
6. O bom curador não se foca em eliminar a doença, mas sim em promover a saúde, pois a doença é um fenômeno natural que faz parte da vida.
7. A doença surge como resultado do sujeito ir contra sua própria natureza.

Categoria 3. Ciência da Nova Era

1. A ciência tradicional é materialista e propícia à alienação humana.
2. A ciência tradicional reflete um reducionismo ultrapassado, fadado a ser substituído por um novo paradigma baseado em uma perspectiva holística.
3. Os novos paradigmas científicos (p. ex. física quântica, física relativista) podem explicar os trabalhos do divino no cosmo, garantindo bases científicas para a religião.
4. O todo do universo está implícito em cada uma de suas partes. Assim, o microcosmo reflete o macrocosmo e vice-versa.
5. Há paralelos entre a física moderna (p. ex. física quântica, física relativista) e as religiões e filosofias orientais.
6. A Terra funciona como um organismo vivo, um sistema autorregulador que elimina com desastres naturais aquilo que ameaça o equilíbrio do planeta.

261

Categoria 4. Neopaganismo

1. O que as religiões tradicionais condenaram como idolatria e superstição, na verdade é uma visão de mundo religiosa profunda e mais antiga que precisa ser restabelecida no mundo moderno.
2. A crise ecológica atual é um resultado direto da perda da relação do ser humano com o mundo natural, fruto da cultura dominante que colocou o ser humano acima da natureza.
3. Magia/feitiçaria é algo real, com efeitos concretos sobre a realidade.
4. O sagrado se manifesta em uma face feminina e uma face masculina.
5. O mundo material é uma personificação do divino. Portanto, nossos corpos e nossa sexualidade são também sagrados.
6. Bruxas existem, mas não são como os personagens dos contos infantis. Elas são mulheres de sabedoria, em sintonia com os ciclos e mistérios da natureza.

Durante a aplicação, os 25 itens Likert foram embaralhados aleatoriamente, para que não ficasse clara ao respondente a separação entre os grupos. Um exemplo de como essa apresentação aconteceu está disponível no Apêndice A, ao final desse texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O PP foi submetido para apreciação ética através da Plataforma Brasil no dia 23 de agosto de 2014 sob CAAE 35421614.2.0000.5482, sendo aceito pelo CEP da PUC-SP no dia 29 de agosto de 2014. O parecer consubstanciado do CEP, de número 784.560, foi liberado no dia 9 de setembro de 2014. Os questionários foram aplicados de 9 de setembro a 22 de setembro de 2014.

Coletaram-se 411 respostas de uma população de naturólogos formados nos ensinos superiores de Naturologia³ reconhecidos pelo MEC no Brasil. Desses, 119 questionários foram descartados por estarem incompleto ou pelo preenchimento incorreto do instrumento pelo respondente. Sendo assim, a análise que se segue diz respeito aos 292 questionários válidos.

Para verificar a pertinência do instrumento, separaram-se as respostas entre aqueles que se declaravam abertamente adeptos do movimento da Nova Era e os que não se consideravam novaeristas. Em 51,7% dos questionários válidos os respondentes se consideraram novaeristas. Sendo assim, os 48,3% restantes não se identificaram objetivamente como adeptos dos ideais da Nova Era.

O *valor-p* calculado pela comparação das respostas através do teste exato de Fisher foi menor que 0,05 (ou seja, que aponta um nível de confiança superior a 95%) em todas as afirmações da Categoria 1 e 4, permitindo se afirmar estatisticamente que os respondentes que se declararam novaeristas tiveram uma adesão maior aos ideais da Nova Era referentes às tendências de canalização e neopaganismo que aqueles que não se declararam assim. Nas outras categorias, apenas os itens 2, 4 e 6 da Categoria 2 e o item 1 da Categoria 3 apresentaram *valor-p* maior que 0,05 (ou seja, com valores sem relevância estatística). Além disso, em 17 dos 25 itens Likert o *valor-p* foi menor que 0,01, indicando um nível de confiança superior a 99%.

Ao se comparar os dados dos respondentes que se declararam *sem religião* com os que se declararam *espiritualistas*, obteve-se um *valor-p* menor que 0,05 em 12 dos 25 itens Likert, com os espiritualistas demonstrando um grau superior de adesão aos ideais que os sem religião. Dos 12 itens que apresentaram tal resultado, os 6 da Categoria 1 contiveram o *valor-p* menor que 0,05.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo não pode ser considerado uma pesquisa de validação do instrumento proposto. A amostra aplicada foi muito pequena, e a população de respondentes deveras específica para esse propósito. Porém, o *valor-p* indicando um grau de confiança superior a 95% em 21 dos 25 itens Likert aponta para uma boa probabilidade de eficácia dessa escala, o

que poderia ser confirmado com a repetição de sua aplicação em populações pares de indivíduos declaradamente novaeristas e indivíduos declaradamente não-novaeristas (p. ex. ateus).

Especificamente sobre os itens que apresentaram *valor-p* inferior a 0,05, embora não seja possível se afirmar estatisticamente que os naturólogos novaeristas respondentes tiveram um grau de adesão maior que os não-novaeristas, deve-se questionar se o perfil da população respondente não foi o motivo desses resultados. A Naturologia é uma ocupação que trabalha com terapias integrativas e complementares, possuindo um discurso relativamente coeso, que gira em torno do vitalismo, no que concerne sua visão de saúde³. Talvez se nem todos os respondentes fossem naturólogos e a mesma pesquisa fosse repetida com uma população geral, os resultados de *valor-p* dessas quatro questões destoantes também poderiam aparecer inferiores a 0,05.

Por fim, aponta-se ao fato das frases dos itens terem sido elaboradas pensando-se em respondentes com ensino superior completo. Para que os naturólogos pudessem compreendê-las, a demanda do pré-teste apontou à necessidade de simplificação das frases *ipsis litteris* de Hanegraaff, elaboradas no contexto de sua tese de doutoramento. Nesse sentido, é possível que ainda maiores simplificações fossem fundamentais caso esse instrumento viesse a ser utilizado em uma população com grau de instrução máximo de ensino médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMPBELL, Colin. The cult, the cultic milieu and secularization. In: KAPLAN, Jeffrey (Org.); LÖÖW, Heléne (Org.). **The cultic milieu**: oppositional subcultures in an age of globalization. Walnut Creek: AltaMira, 2002, p. 12-25.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito e a Nova Era**. São Paulo: Loyola, 2000.
- GARLAND, Ron. The mid-point on a rating scale: is it desirable? **Marketing Bulletin**, Palmerston North, v. 2, 1991, p. 66-70.
- HANEGRAAFF, Wouter Jacobus. **New Age religion and Western culture**: esotericism in the mirror of secular thought. New York: State University, 1998.
- _____. New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. **Social Compass**, London, v. 46, n. 2, p. 145-160, 1999.
- _____. New Age movement. In: JONES, Lindsay (Org.). **Encyclopedia of religion**, v. 10, 2ª ed. Farmington: Thomson Gale, 2005, p. 6495-6500.
- HEELAS, Paul Lauchlan Faux. The limits of consumption and the postmodern "religion" of the New Age. In: KEAT, Russell (Org.); WHITELEY, Nigel (Org.); ABERCROMBIE, Nicholas (Org.). **The authority of the consumer**. London: Routledge, 1994, p. 94-107.
- _____. **Spiritualities of life**: romantic themes and consumptive capitalism. Oxford: Blackwell, 2008.

- HILL, Peter C. (Org.); HOOD JUNIOR, Ralph W. (Org.). **Measures of religiosity**. Birmingham: Religious Education, 1975.
- HUTSEBAUT, Dirk. Post-critical belief: a new approach to the religious attitude problem. **Journal of Empirical Theology**, Leiden, v. 9, n. 2, p. 48-66, 1996.
- IANNACONE, Laurence R. Introduction to the Economics of Religion. **Journal of Economic Literature**, Nashville v. 36, n. 3, p. 1465-1495, set. 1998.
- LEWIS, James R. Approaches to the study of the New Age movement. In: LEWIS, James R. (Org.); MELTON, J. Gordon (Org.). **Perspectives on the New Age**. Albany: Suny, 1992, p. 1-12.
- LIKERT, Rensis. A technique of the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, New York, v. 22, n. 140, p. 5-55, jun. 1932.
- MAFRA, Clara. O que os homens e as mulheres podem fazer com números que fazem coisas. In: TEIXEIRA, Fautino (Org.); MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. São Paulo: Vozes, 2013, p. 37-47.
- MENEZES, Renata. Às margens do censo de 2010: expectativas, repercussões, limites e usos dos dados de religião. In: TEIXEIRA, Fautino (Org.); MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. São Paulo: Vozes, 2013, p. 329-348.
- PALOUTZIAN, Raymond F.; ELLISON, Craig William. Loneliness, spiritual well-being and the quality of life. In: PEPLAU, Letitia Anne (Org.); PERLMAN, Daniel (Org.). **Loneliness, a sourcebook of current theory, research and therapy**. New York: Wiley, 1982, p. 224-237.
- SABBAG, Sílvia Helena Fabbri; *et al.* A Naturologia no Brasil: avanços e desafios. **Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares**, Palhoça, v. 2, n. 2, p. 11-31, 2013.

NOTAS

Hanegraaff (2005) ilustra com dois exemplos. O primeiro é o das livrarias especializadas em publicações de Nova Era, que declinam ao passo que as grandes livrarias passam a apresentar um número crescente de prateleiras com as mesmas literaturas espiritualistas típicas desses estabelecimentos. O segundo caso é o dos centros especializados em curas holísticas, que se tornam cada vez menos necessários conforme parte de seus serviços terapêuticos se tornam mais aceitáveis nos contextos médicos convencionais.

² Cf. Mafra (2013) e Menezes (2013).

³ Para maiores informações sobre o que é a Naturologia, cf. Sabbag *et al.* (2013).

APÊNDICE A – Modelo da Escala de Adesão dos Ideais da Nova Era

	Discordo		Concordo	
	totalmente		totalmente	
	1	2	3	4
A ciência tradicional reflete um reducionismo ultrapassado, fadado a ser substituído por um novo paradigma baseado em uma perspectiva holística.	()	()	()	()
Cada ser humano é uma relação interdependente de corpo, mente, emoções e espírito.	()	()	()	()
O todo do universo está implícito em cada uma de suas partes. Assim, o microcosmo reflete o macrocosmo e vice-versa.	()	()	()	()
Não é possível se fazer distinções rígidas entre doenças físicas e doenças psíquicas.	()	()	()	()
A doença não é um simples fato biofísico. Toda doença possui um significado moldado na experiência do enfermo que vai além dos sintomas imediatos.	()	()	()	()
Magia/feiticeira é algo real, com efeitos concretos sobre a realidade.	()	()	()	()
A conexão com outros planos é uma habilidade natural que está latente em todos, podendo ser despertada por qualquer ser humano.	()	()	()	()
Bruxas existem, mas não são como os personagens dos contos infantis. Elas são mulheres de sabedoria, em sintonia com os ciclos e mistérios da natureza.	()	()	()	()
É possível se aprender conscientemente a canalizar mensagens de outros planos, mesmo que nunca se tenha tido qualquer experiência anterior similar.	()	()	()	()
Todos os seres humanos podem receber informações de formas de inteligência superior, oriundas de níveis de existência mais elevados que o plano material em que vivemos.	()	()	()	()
O mundo material é uma personificação do divino. Portanto, nossos corpos e nossa sexualidade são também sagrados.	()	()	()	()
A Terra funciona como um organismo vivo, um sistema autorregulador que elimina com desastres naturais aquilo que ameaça o equilíbrio do planeta.	()	()	()	()
A crise ecológica atual é um resultado direto da perda da relação do ser humano com o mundo natural, fruto da cultura dominante que colocou o ser humano acima da natureza.	()	()	()	()
O bom curador não se foca em eliminar a doença, mas sim em promover a saúde, pois a doença é um fenômeno natural que faz parte da vida.	()	()	()	()
	Discordo		Concordo	
	totalmente		Totalmente	

	1	2	3	4
Há dimensões diferentes habitadas por seres com sabedoria superior.	()	()	()	()
O sagrado se manifesta em uma face feminina e uma face masculina.	()	()	()	()
O <i>insight</i> é o caminho pelo qual a revelação divina se manifesta a nós.	()	()	()	()
A doença surge como resultado do sujeito ir contra sua própria natureza.	()	()	()	()
Os novos paradigmas científicos (p. ex. física quântica, física relativista) podem explicar os trabalhos do divino no cosmo, garantindo bases científicas para a religião.	()	()	()	()
Desenvolver os potenciais humanos nos permite entrar em contato com o lado divino que existe dentro de nós.	()	()	()	()
A ciência tradicional é materialista e propícia à alienação humana.	()	()	()	()
Há paralelos entre a física moderna (p. ex. física quântica, física relativista) e as religiões e filosofias orientais.	()	()	()	()
A medicina contemporânea perdeu a “arte de curar” ao se focar na patologia, esquecendo-se do sujeito completo.	()	()	()	()
O que as religiões tradicionais condenaram como idolatria e superstição, na verdade é uma visão de mundo religiosa profunda e mais antiga que precisa ser restabelecida no mundo moderno.	()	()	()	()
As revelações das religiões históricas – como Maomé ou os profetas do Antigo Testamento – são mediunidades, fenômeno idêntico ao que acontece hoje em sujeitos que se estabelecem como canais de comunicação para esses domínios.	()	()	()	()

Fonte: Elaboração do autor (2014).